

“LAVRA DOS GOIASES”: DARCY FRANÇA DENÓFRIO E A ARQUEOLOGIA DA LÍRICA DE AUTORIA FEMININA

“LAVRA DOS GOIASES”: DARCY FRANÇA DENÓFRIO AND THE ARCHEOLOGY OF THE LYRIC OF FEMALE AUTHORSHIP

BRITTO, Clovis Carvalho¹

Resumo: Este artigo analisa as contribuições da escritora e crítica literária Darcy França Denófrío para os estudos da lírica de autoria feminina em Goiás. A partir de uma metáfora arqueológica investiga aspectos de sua atuação crítica com destaque para os trabalhos sobre a obra de Leodegária de Jesus (1889-1978) e Cora Coralina (1889-1985). Evidencia, desse modo, a importância de sua atuação para retirar as escritoras dos silêncios da história literária ao realizar um levantamento criterioso de obras, da fortuna crítica e de estratégias temático-estilísticas manejadas por essas pioneiras da lírica em Goiás.

Palavras-chave: Darcy Denófrío; autoria feminina; Goiás; Leodegária de Jesus; Cora Coralina.

Abstract: This paper analyzes the contributions of the writer and literary critic Darcy França Denófrío for the studies of the lyrical of feminine author ship in Goiás. From an archaeological metaphor investigates aspects of its critical performance with emphasis on the works on the work of Leodegária de Jesus (1889-1978) and Cora Coralina (1889-1985). In this way, she demonstrates the importance of her work to remove women writers from the silences of literary history by performing a careful survey of works, critical fortune and thematic-stylistic strategies managed by these pioneers of lyrical art in Goiás.

Keywords: Darcy Denófrío; female author ship; Goiás; Leodegária de Jesus; Cora Coralina.

INTRODUÇÃO

Nossas mãos unidas
ganham outra força
e reinventamos outra vida
Darcy Denófrío (1988, p. 120).

Este texto esboça alguns aspectos do trabalho crítico de Darcy França Denófrío com destaque para as suas pesquisas sobre a tradição lírica de autoria feminina em Goiás. A alusão à ciência que estuda as culturas e os modos de vida do passado a partir da análise de vestígios materiais tem aqui apenas um sentido: o metafórico. Figura relacionada ao *ethos* investigativo de muitos literatos e pesquisadores que não se contentam em pairar na superfície das palavras e, para tanto, utilizam-se da investigação bibliográfica e da prospecção com vistas a adquirir o conhecimento empírico de obras, indivíduos ou grupos de seu interesse. Há aqueles que

¹Doutor em Sociologia pela Universidade de Brasília. Doutorando em Museologia pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Portugal. Professor da Universidade de Brasília. E-mail: clovisbritto@unb.br

empreendem um mergulho ainda maior em busca dos mistérios do subsolo da linguagem e da poesia, instituindo um trabalho de sondagem no intuito de trazer à tona vestígios, artefatos dispersos cujo exame minucioso facultaria recompor histórias muitas vezes silenciadas, promovendo um ato de recuperação mnemônica.

A professora, poetisa e crítica literária Darcy Denófrío pode ser considerada uma expoente dessa arqueologia lírica. As pesquisas meticolosas e seguras da lavra de Darcy revelam diferentes camadas de ocupação que compõem a literatura de seu estado natal. Em seus estudos a literatura em Goiás é vista em corte e em profundidade, ora iluminando camadas finíssimas, ora separando níveis estéreis. Isso porque apesar de toda a dedicação, a arqueologia é amostral, seletiva. E exatamente por trabalhar com vestígios, a arqueologia lírica não possui a pretensão de empreender a totalidade da história do local, mas alertar para camadas muitas vezes encobertas, indícios outrora desprezados, tradições literárias e punhos líricos (in)voluntariamente esquecidos ou (re)lembrados com paixão e rigor. Certamente Darcy não constitui voz solitária nesse *métier*, mas é uma das poucas cuja bateia crítica (re)conhece de modo consistente e contínuo o ouro poético extraído em lavras goianas.

Basta visualizarmos essa etimologia para reconhecermos a importância dessa metáfora na configuração dos contornos da obra crítica e da criação poética de Darcy Denófrío. Do grego *arque* (antigo ou poder) e *logos* (estudo), *archaiologia* em linhas gerais pode ser definido como o ramo do conhecimento pautado no estudo sistemático da vida e das culturas pretéritas por meio de escavações e de documentos. No caso do que estamos denominando arqueologia lírica essa escavação é empreendida na interpretação de textos poéticos, mas também na análise de documentos de processo (crítica genética), de estudos comparados, da recepção crítica, de vestígios biográficos, de um conjunto de “fósseis” que desembocam na foz dos acervos literários.

Evidentemente essa metáfora também dialoga com algumas das lições de pensadores como Michel Foucault e Jacques Derrida quando compreenderam o “arquivo” como produto do cruzamento entre memória, saber e poder. Foucault (2008), em *A arqueologia do saber*, considerou o “arquivo” não a totalidade de textos, mas o conjunto de regras que determinam em uma cultura o aparecimento dos enunciados, sua permanência e seu apagamento; sistema discursivo que encerra possibilidades enunciativas agrupadas de modo distinto. O arquivo foi tratado de uma forma imaterial que extrapola o conjunto de documentos, transformando-o em monumentos e acontecimentos. Perspectiva que se aproxima das lições de Derrida (2001) quando concebeu os conjuntos documentais como instituidores e conservadores, oferecendo

uma economia arquivar que abrigaria os poderes de guardar, por em reserva e fazer leis já que a conservação não ocorre sem a exclusão.

Por essa razão não é possível dissociar o trabalho crítico de Darcy da palavra arquivo (*arkhê*). Sua etimologia remete a dois princípios: começo e comando. Lugar de memória, história, ontologia. Lugar onde a ordem é dada, organização, nomologia. Conforme nos ensinou Jacques Derrida (2001), o conceito de arquivo abriga a memória do nome *arkhêe*, ao mesmo tempo, é abrigo dessa memória que ele abriga. Do latim *archivum* ou *archium*, seu sentido viria do *arkheim*grego: uma casa, mais especificamente o domicílio dos magistrados superiores denominados arcontes. Nesse lugar se depositavam os documentos oficiais e os arcontes eram seus guardiões. Reiterou o filósofo que os arcontes não eram apenas os responsáveis pela segurança física da casa e dos suportes, cabiam-lhes, concomitantemente, o direito e a competência hermenêuticos. Em outras palavras, possuíam a faculdade de interpretar os arquivos.

Arquivar é um ato de memória que, por sua vez, preserva documentos-memórias. Organização, coleção, preservação, controle e acesso a informações. O arquivo deve ser percebido como uma figura epistemológica. Todavia, mais do que entender suas origens e pesquisar em suas fontes, é importante atentarmos para a história de seus arcontes. Isso porque a constituição dos acervos é uma prática compartilhada que o torna uma instância de dupla operação: ao mesmo tempo em que o profissional ou o conjunto de agentes realiza uma série de práticas para a constituição de seu “arquivo”, ele também se “arquiva”. Nesse aspecto, Darcy ao eleger a lírica em Goiás como sítio arqueológico prioritário nele deixa suas competentes marcadas, mediante a sua dupla atuação crítica e poética, se torna simultaneamente doadora e herdeira, artífice de uma importante genealogia/arqueologia do espaço literário em que faz parte.

A lírica feminina na lavra dos goiases

Os exercícios crítico e poético de Darcy Denófrío se confluem ao longo dos anos, apresentando um *pathos* da lucidez entremeados de paixão. Se de acordo com os dicionaristas a paixão consiste no sentimento ou emoção levados a um alto grau de intensidade, sobrepondo-se a razão, o trabalho de Darcy demonstra que tais sentimentos podem ser conciliados, assim como amor e dor e ternura. Aqui sublinhamos a paixão como entusiasmo muito vivo por alguma coisa, expressão de sensibilidade do artista que se

manifesta numa obra de arte (no caso de explosão lírica própria ou de seguro retirar de véus de obras alheias) e a Paixão no sentido bíblico, de devotamento e/ou renúncia em prol de uma causa (como uma vida dedicada ao estudo da literatura produzida em Goiás). Exemplar, nesse sentido, é a consideração de Vera Tietzmann Silva (2005) quando destaca que Darcy tem o privilégio de aproximar das obras poéticas com a segurança de quem vê o texto a partir das perspectivas do criador e do crítico literário, tramas opostas e complementares, imbricando em seus ensaios “sensibilidade e perspicácia, emoção e razão, o olhar que sente e o que analisa” (p. 7). Darcy descobriu uma linguagem dentro da linguagem, construindo uma dicção singularíssima que não despreza a emoção e a intuição, entreabrindo universos teóricos e poéticos outrora fechados:

Na esteira de Emil Staiger, jamais achei imperdoavelmente subjetivo confiar em nossos sentimentos. Penso exatamente como ele: a metodologia das Ciências Humanas não deve nem pode calar os nossos sentimentos e emoções. E, dizendo quase como ele o disse, se pretendo analisar um texto de qualquer ponto de vista que me ocorra (recusando-me a fazer apenas um levantamento do que já foi dito sobre ele), enfim, se tenho algo novo a dizer, nada me resta senão partir de um sentimento. (...) Toda a crítica que realizei comunga o pensamento de Staiger sobre o exercício exegético, antes mesmo de havê-lo conhecido. Não esperem, portanto, de minha parte, um trabalho asséptico. Admito, como ele próprio, que ‘sem o primeiro sentimento ainda obscuro, não posso perceber absolutamente nada do texto (...). Quem quer compreendê-lo explicitamente precisará tê-lo compreendido antes de modo obscuro’. Emil Staiger descreve exatamente aquilo que a metodologia das Ciências Humanas denomina ‘círculo hermenêutico’. E esta metodologia não soa, de modo algum, estranha a uma pessoa afeita ao exercício poético. Talvez, por isso mesmo, a maioria dos críticos seja formada de também poetas (DENÓFRIO, 2005, p. 12-13).

De seu veio lírico brotaram *Vôo cego* (1980), *Amaro mar* (1988), *Ínvio lado* (2000), *Poemas de dor & ternura* (2008) e *Uma voz e o silêncio* (2014), quase uma obra a cada década se considerarmos que a eclosão de sua primeira jazida teve início na década anterior e observarmos que o premiado livro *O risco das palavras* ainda continua inédito. Em meio aos exatos intervalos das publicações poéticas, treze obras compõem sua estratigrafia críticarelacionadas predominantemente à lírica de autores goianos (são exceções *Antologia do conto goiano I* (1992) cujo foco é a narrativa curta; a segunda parte de *Lavra dos Goiases: Gilberto & Miguel* (1997) quando mergulha no domínio da prosa de Miguel Jorge; e *Da aurora de vidro ao sol noturno* (2005) ao investigar a poesia do carioca Fernando Py). Darcy tem empreendido ao longo de sua trajetória um documento/monumento em prol da literatura em Goiás, aquilo que ela própria definiu no poema “Restauração”, de *Poemas de dor &*

ternura (2008), como uma arqueologia do sentimento e que, embora possibilite variadas leituras, aqui sugerimos uma aproximação com o *modus operandi* crítico da artista: “Há o quebra-cabeça/ a ser montado devagarzinho/ peça a peça, em encaixe. (...) Nessa arqueologia do sentimento/ os cacos são minúsculos fósseis/ perdidos na areia do tempo/ que se juntam aos pedacinhos/ e formam a memória do esqueleto” (p. 28).

Ao promovermos tal aproximação reconhecemos o ofício crítico de Darcy Denófrío como um monumento, um divisor de águas na hidrografia lírica de Goiás, para utilizarmos uma expressão escavada pela autora. Como destacou Françoise Choay (2003), do latim *monumentum*, que por sua vez deriva de *monere* (advertir, lembrar), consiste em algo que traz à lembrança alguma coisa com propósito marcadamente afetivo. Desse modo, não se trata de trazer uma informação neutra, mas de tocar, pela emoção, uma memória viva: não apenas ele trabalha a memória e a mobiliza pela mediação da afetividade, mas pode contribuir diretamente para manter e preservar a identidade de uma comunidade. É o empreendimento desenvolvido pacientemente por Darcy no intuito de exumar, (re)conhecer e imortalizar alguns (dis)cursos dos Goiases.

Nesse aspecto, podemos afirmar que uma coerência temática perpassa seu ofício dos primeiros textos críticos até as mais recentes produções, reconstituindo peça a peça alguns artefatosintocados ou perdidos na erosão do tempo. O que não podemos negar é a densidade alcançada a cada novo trabalho: verticaliza a sondagem de sua palavra e amplia as perspectivas aliando-as, por exemplo, ao biográfico, sem cair no biografismo, ou à pesquisa em acervos pessoais como forma de iluminar alguns aspectos do texto poético, como em “Saci/Cererê: o redemoinho do lírico” (1997; 2005), “Cora dos Goiases” e “De Aninha a Cora Coralina” (2004), “Retirando o véu de Ísis” (2006) ou no texto sobre Leodegária de Jesus incluído em *Escritoras brasileiras do século XIX* (2009), para citarmos alguns de seus trabalhos.

Desde as décadas de 1960 e 1970, trabalhando como professora secundária e posteriormente no ensino superior, Darcy Denófrío já divulgava entre seus alunos poesia goiana a exemplo dos livros *Fábula de fogo* (1961) e *Pássaro de pedra* (1962) de Gilberto Mendonça Teles. Autorcuja obra poética foi objeto de sua dissertação defendida no Mestrado em Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás, conquistando o título de Mestre em Teoria da Literatura, a 4 de novembro de 1982. A pesquisa de Darcy, intitulada *O poema do poema: em Gilberto Mendonça Teles* orientada pela Prof.^a Moema de Castro e Silva Olival, foi o primeiro trabalho apresentado em nível de pós-graduação sobre a obra telesiana

(Cf. DENÓFRIO, 2005) e a primeira dissertação do Mestrado em Letras da UFG, na linha de Estudos Literários, a ter como objeto a obra de um autor goiano (Cf. DALACORTE; TURCHI, 2005). A escritora dedicou três décadas de sua vida ao ensino, nos seus quatro níveis, divulgando a literatura de seu estado natal. Na UFG produziu ensaios para revistas acadêmicas, conferências, coordenou os *Cadernos de letras* (periódico que possuía a série Literatura Goiana) e criou em 1985 o Seminário de Literatura Goiana, que alcançou cinco edições. Podemos afirmar que Darcy Denófrío, ao lado de professores/escritores como Gilberto Mendonça Teles, José Fernandes, Maria Zaira Turchi, Moema Olival, Nelly Alves de Almeida, Vera Maria Tietzmann Silva e Wendel Santos, contribuiu para que a literatura em Goiás fosse incluída como objeto de estudo universitário e conquistasse maior visibilidade na vida das gerações posteriores.

Valorizando a literatura de sua região lançou *O poema do poema* (1984), *Literatura contemporânea: o regresso às origens* (1987) e *O redemoinho do lírico* (2005) obras que concentram análises sobre a lírica de Gilberto Mendonça Teles; *A obra poética de Afonso Félix de Souza: dois estudos* (1991); *Antologia do conto goiano I – dos anos dez aos sessenta* (1992) – organização em parceria com Vera Tietzmann Silva; *Léo Lynce: poesia quase completa* (1997); *Cora Coralina* (Coleção *Melhores Poemas* - 2004); *Cora Coralina: celebração da volta* (2006) – organização em parceria com Goiandira Ortiz de Camargo; além de *Hidrografia lírica de Goiás I* (1996) e da coleção *Lavra dos Goiases* cujos três volumes analisam, respectivamente, obras de Gilberto Mendonça Teles e Miguel Jorge (1997), de Afonso Félix de Sousa (2000) e de Leodegária de Jesus (2001). O ensaio sobre Cora Coralina, apesar de não integrar a coleção, segue intuito similar: “O fazemos exatamente dentro do espírito da nossa coleção que vive de honrar os luminares de nossa literatura goiana e cujo quarto volume sonhava transformar-se numa outra Casa de Cora Coralina”. (DENÓFRIO, 2004, p. 8)

É oportuno rememorarmos que em novembro de 1987 a seção “Poesia hoje”, do Suplemento Cultural editado pela União Brasileira de Escritores de Goiás, trouxe uma entrevista com a poetisa e crítica. Nela, apontamentos biográficos já informavam a existência de um livro à época inédito composto por estudos da literatura goiana e intitulado *Hidrografia lírica de Goiás*. A obra veio a lume em 1996 integrando a Coleção *Hórus* editada pela Universidade Federal de Goiás, reunindo conferências, estudos e prefácios sobre a poesia de escritores goianos de diferentes gerações literárias. Por meio da metáfora hidrográfica, elemento também recorrente em sua obra poética, Darcy iluminou distintas vozes que

conformaram o constante fluir das letras goianas, destacando o primeiro veio lírico feminino, as águas particularíssimas de autores pré-modernos, os caudais do modernismo, além de alguns afluentes esquecidos e de algumas fontes contemporâneas (perenes ou intermitentes). Como bússola a nos guiar por águas antes não navegadas, ou em direção a ilhas semi-desertas da crítica, a pesquisadora propiciou uma leitura cronológico-temática de algumas das principais vertentes da poesia produzida em Goiás. Travessias aprofundadas na Coleção *Lavra dos Goiases* cuja metáfora, mais uma vez, sugere o diálogo com as diferentes riquezas poéticas do interior de Goiás, originárias de um mesmo subsolo e exaladas de um filão que não se extingue.

Lavra é usualmente apresentado como o terreno de mineração, local onde se extrai ouro ou diamante. Nesse aspecto, a expressão “Lavra dos Goiases” remeteria às jazidas auríferas encontradas pelos bandeirantes paulistas quando desbravaram o sertão goiano no século XVIII. É sabido que o leito e as margens dos cursos d’água consistiam nos primeiros lugares a serem explorados, já que o ouro de aluvião era ali encontrado e extraído. Denófrío expande o significado para contemplar alguns veios mais profundos da literatura e identifica as lavras goianas nos (dis) cursos da hidrografia lírica. Palavra também relacionada às imagens telúricas e metalinguísticas, contempla o ato de cultivar a terra (lavar, lavrador) ou o de registrar um acontecimento para que não se perca na memória (lavar, lavratura). No caso da coleção criada pela pesquisadora, cujo título contempla as três interpretações (exploração de tesouros, cultivo dos valores da terra e registro de legados) seu objetivo é “honrar os lumináres de nossa literatura goiana” (DENÓFRIO, 2004, p. 8). Coincidentemente, a exposição de longa duração do Museu Antropológico da Universidade Federal de Goiás, em Goiânia, se intitula “Lavras e louvores”, privilegiando o trabalho e a devoção como formas de compreender as construções simbólicas das identidades regionais. Não é diferente a tarefa empreendida por Darcy Denófrío e, por isso, como forma de homenagear sua atuação crítica, nomeamos este artigo com o título da coleção.

Questões que adquirem relevância quando esses louvores se detêm em (re)ativar veios femininos. Sabemos que até o século XX, as escritoras estiveram praticamente ausentes dos registros oficiais que reconheciam as obras que integravam a literatura brasileira digna de crédito. Nos compêndios de história literária, a produção de autoria feminina foi reiteradamente silenciada e colocada à margem pelos agentes que construíram o cânone. Basta uma leitura do índice onomástico para se constatar essa omissão nas obras consideradas básicas no estudo da literatura. Na maioria das vezes, quando lembradas, não receberam a

mesma avaliação dispensada aos escritores e seus nomes foram apenas citados entre uma exaustiva enumeração de autores, cortesia que reforça a ideia de excepcionalidade a uma regra masculina. Somente entre fins do século XIX e início do XX algumas mulheres conquistaram um maior espaço em função de oportunidades profissionais e expressivas que lhes apresentavam, embora em meio a intempéries de uma vida pautada em diversas formas de sujeição e dependência. Em outros termos, um quadro de assimetrias entre os sexos, para utilizarmos o pensamento de Sérgio Miceli (2005) quando constatou o silêncio da história literária a respeito da contribuição feminina e os acidentados itinerários de trabalho intelectual vivenciados por algumas mulheres integrantes dos círculos da elite brasileira. Nesse aspecto, destacou os gigantescos investimentos promovidos por essas autoras no intuito de obter uma chance literária e tornar protagonistas do campo intelectual, construindo, nesses moldes, uma vida de artista na contramão, à margem das posições ao alcance dos homens. Apresentava-se, assim, uma situação de impasse social nos moldes da exclusão enunciada por Norbert Elias, “segundo o qual o nobre mais fajuto pode sempre passar por esgrimista, mas o esgrimista mais habilidoso jamais pode aspirar à condição aristocrática” (p. 13).

Curioso é que ainda hoje as mulheres que escrevem enfrentam algumas das dificuldades encontradas por suas precursoras. Se antes lhes eram vedado o acesso à formação escolar e a divulgação de seus trabalhos, atualmente continuam minoria nas historiografias literárias, nas grandes editoras e ainda devem mobilizar pesados trunfos para obter autoridade ou respeitabilidade no campo literário. É certo que ocorreram conquistas, um número maior de mulheres forçou passagem e ajudou a construir um espaço que, embora restrito, demonstra que sua competência já não pode ser mais questionada como nos séculos anteriores. Conforme destacou Regina Dalcastagnè (2010), a presença das escritoras no campo literário não deixa de provocar tensões e estigmas. A produção das mulheres ainda é rotulada como “literatura feminina”, se contrapondo à literatura *tout court* que não requer o adjetivo masculino para sua singularização. Nesses termos, afirma que cada escritora tende a ser vista como praticante de uma “dicção feminina”, ação que desconsidera suas especificidades, e que ainda hoje determinados estilos e temáticas continuam sendo percebidos como mais apropriados às mulheres, enquanto outros permanecem como espaços interditados.

Na verdade, o trabalho de Darcy Denófrio se notabiliza como um veio aberto à produção crítica e poética das mulheres que escrevem. Ele abre espaços outrora inviolados, força passagem por caminhos alternativos como os poetizados em “Clivusfeminae”, de *Ínvio lado* (2000). Basta rememorarmos que é também recente entre nós a trajetória crítica de

autoria feminina. Não que autoras como Lúcia Miguel Pereira, Rachel de Queiroz ou Dinah Silveira de Queiroz não tivessem se embrenhado anteriormente pela crítica literária, mas foi a partir das décadas de 1960 e 1970 que as escritoras obtiveram uma maior legitimidade para tal tarefa, lembrando que muitas delas se qualificaram com cursos de graduação e pós-graduação em estudos literários.

Nesse aspecto, a mulher escritora conquistou não apenas um espaço para a prática literária, mas também lutou por um lugar de autoridade ao se posicionar como crítica. Conforme afirma Vera Queiroz (2006), o modelo estruturalista e os estudos formalistas predominantes nas universidades brasileiras na década de 1970 teriam contribuído para uma maior qualificação da crítica literária acadêmica, momento em que uma geração de mulheres docentes e pesquisadoras começaram a atuar nesse espaço exercitando com “redobrado rigor o aprendizado da qualificação profissional – em função das exigências daqueles parâmetros críticos, e porque dela sempre se exigiu mais para obter de seus pares o reconhecimento da competência” (p. 107). Aos poucos, as mulheres foram tecendo formas e espaços a princípio marginais para estabelecer diálogos com a tradição de excelência crítica brasileira e estrangeira. Não eram mais raras as professoras universitárias e, seja em contato com essas pesquisadoras como alunas ou colegas de trabalho, seja lendo, produzindo e traduzindo textos críticos, tais práticas impactaram a literatura de muitas autoras que passaram pelos bancos dessas faculdades.

É certo que tais conquistas não ocorreram sem enfrentamentos e desgastes. Obter um direito à fala e um lugar em que essa fala adquirisse ressonância exigiu dedicação e persistência. Conforme destacou Zahidé Muzart (2003), a pesquisa sobre a escrita de autoria feminina brasileira toma ares de pesquisa arqueológica, na medida em que antes de analisar as produções torna-se necessário salvar do esquecimento obras e autoras significativas, já que não é possível teorizar no vazio.

Os veios líricos de Leodegária de Jesus e Cora Coralina

Em Goiás, as pesquisas de Darcy Denófrío contribuem para uma revisão do lugar da lírica de autoria feminina, evitando que o esquecimento se torne a verdadeira morte dos mortos, para citarmos a famosa frase do escritor Mia Couto. Se os estudos sobre literatura e, Goiás são relativamente recentes em nosso meio acadêmico, os trabalhos sobre a literatura

produzida pelas mulheres em Goiás são ainda mais jovens, talvez em virtude da tardia configuração da tradição lírica feminina. Em Goiás, Darcy foi uma das pioneiras na demarcação dos veios dessa tradição:

Leodegária de Jesus, a primeira mulher a editar um livro de poemas em Goiás, escreveu duas obras: *Coroa de lyrios*, que veio a público, como já dissemos, em 1906, quando contava com apenas 17 anos; e *Orchideas*, publicada em 1928, por volta de seus 39 anos. (...) Para se avaliara importância de Leodegária de Jesus no estabelecimento de uma tradição literária entre nós, 22 anos depois, quando lançou o seu segundo livro, ainda era ela a única poetisa goiana a publicar obras. Seu ‘reinado’, portanto, prolongou-se por 48 anos, uma vez que Honorata Minelvina Carneiro de Mendonça, que publicou, no Rio de Janeiro, um livro de poemas em 1875, não pode ser considerada autora goiana. Acidentalmente, nasceu na Província de Goiás. Depois de Leodegária, somente em 1954 Regina Lacerda veio a publicar seu livro *Pitanga*. Em 1956, Cora Coralina publicou, na cidade de Goiás, um poema, misto de crônica (e não um livro ainda), com apenas duas folhas: ‘O cântico da volta’. Sua sagração como grande poetisa viria depois, e a primeira edição dos *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais* só saiu em 1965, pela José Olympio. Se levarmos em conta que aquela primeira publicação de Cora não era um livro, Yêda Schmaltz, com *Caminhos de mim*, de 1964, terá de ser considerada, com justiça, a terceira mulher a publicar livro de poemas em Goiás. Para uma tradição tão curta, devemos admitir que fomos muito longe (DENÓFRIO, 2001, p. 16-17).

Após demarcar a área a ser escavada, Darcy Denófrío se munuiu de um arsenal teórico-metodológico motivado por sua paixão pela literatura. Sabia que eram necessários dedicação e tempo para captar com competência e engenho as fontes a respeito dessas poetisas. Não bastava apontar sua existência, era necessário comprovar a que vieram e iluminar suas contribuições para a hidrografia literária. Nesse aspecto, a generosidade e competência da pesquisadora em muito contribuíram para a divulgação e o reconhecimento das obras de variados punhos líricos femininos². O levantamento criterioso de obras e fortuna

²Ao longo de sua trajetória crítica, Darcy França Denófrío empreendeu diversas conferências, estudos e prefácios focalizando obras de escritoras goianas. Exemplificaremos alguns desses trabalhos: “Entre ‘lyrios’ e ‘orchideas’, o pássaro ferido” – Conferência sobre a lírica de Leodegária de Jesus (DENÓFRIO, 1996); “Três substratos de uma obra madura” – Prefácio em *A forma do coração* (1990), de Yêda Schmaltz; “De Penélope a Atalanta: o processo de individualização em Yêda Schmaltz – artigo publicado na revista *Signótica* (1990); “O contracanto de Lygia” – Prefácio em *Momentos plurais* (1990), de Lygia de Moura Rassi; “Profundidade na superfície” – Prefácio em *Fulgens do sonho* (1990), de Lêda Selma; “O legado de Leodegária de Jesus” – artigo publicado na revista *Cadernos de letras* (1990); “Sob o signo da água e do fogo” – artigo sobre a literatura de Maria Eloá S. Lima publicado na revista *Signótica* (1991); Notas de orelha em *A vida dividida* (1993), de Maria Lúcia Félix de Souza Bufaiçal; “Poesia de corpo e alma” – Notas de orelha em *Todos os vãos* (1997), de Maria Helena Chein; Notas de orelha em *Zuarte* (2000), de Alcione Guimarães; *Lavra dos Goiases III: Leodegária de Jesus* (DENÓFRIO, 2001); “Cora dos Goiases” e “De Aninha a Cora Coralina” – estudos publicados em *Cora Coralina: melhores poemas* (DENÓFRIO, 2004); “Uma fresta para o passado feminino” – Prefácio em *Minha vida de casada* (2006), de Celuta Mendonça Teles; “Retirando o véu de Ísis: contribuição às pesquisas sobre Cora Coralina”, ensaio publicado em *Cora Coralina: celebração da volta* (DENÓFRIO; CAMARGO, 2006); “Leve como o pássaro: não como a pluma” – Prefácio em *Quinquilharias* (2008), de Heloísa Helena de Campos REVELLI v.10 n.2. Junho/2018. p. 263 – 278. ISSN 1984 – 6576.

crítica, a análise de estratégias temático-estilísticas, a pesquisa em arquivos e bibliotecas, o trabalho de (re)montar biografias cujas peças de engate são iluminadas pela inteligência de seu processo empírico de busca, marcam muitos dos trabalhos empreendidos nessa seara pela poetisa-crítica. São exemplares das estratégias lapidadas por Darcy seus estudos sobre a lírica de Leodegária de Jesus e Cora Coralina.

Ao remontar a trajetória intelectual de Leodegária Brasília de Jesus, primeira mulher a publicar livros de poemas em Goiás, o trabalho arqueológico de Darcy contribuiu sobremaneira para retirá-la do esquecimento. Embora Rosarita Fleury e Basileu Toledo França tenham sido pioneiros na recuperação e na divulgação de aspectos biográficos e literários da autora de *Coroa de lyrios* (1906) e *Orchideas* (1928) é inegável ser a meticulosa pesquisa da lavra denofriana um divisor de águas na recepção de Leodegária.

Darcy decidiu homenagear o centenário de nascimento da poetisa em uma conferência que foi apresentada no Seminário de Literatura Goiana da Universidade Federal de Goiás, entre maio e junho de 1990. Para tanto, tornou-se necessário conhecer o legado literário e humano dessa mulher cuja história de vida mobilizou a pesquisadora: “durante as pesquisas, a figura da primeira mulher a publicar um livro de poemas em Goiás me havia fascinado, sobretudo porque soube exercer sua própria vontade para ultrapassar algumas barreiras impostas por um tempo cheio de limitações e restrições” (DENÓFRIO, 2001, p. 11). Leodegária inaugurou, ou utilizando a idéia de Eric Hobsbawm e Terence Ranger (1997), inventou em Goiás uma tradição lírica feminina, superando muitas pedras e percalços em busca do direito à voz e a profissionalização literária. Trazendo para o centro questões historicamente colocadas à margem, Darcy demonstra não somente os trunfos simbólicos que as escritoras goianas mobilizavam no início do século passado, mas suas qualidades estéticas articulando-as ao contexto nacional e local e, principalmente, comprovando que se ombreavam com escritores seus contemporâneos.

Em decorrência do trabalho competente sobre Leodegária de Jesus, as pesquisas de Darcy contribuíram para a divulgação desse legado para além do âmbito acadêmico. Se antes suas obras e história circulavam apenas entre poucos estudiosos da historiografia literária e, Goiás, a partir da arqueologia lírica empreendida por Darcy Denófrío foi possível despertar o interesse dos jovens pesquisadores (das áreas de estudos literários, históricos e de gênero) e o reconhecimento público dos conterrâneos daquela que, no dizer da pesquisadora, saiu do

Borges; “Cora Coralina: alegoria da flor” – ensaio publicado no livro *Moinho do tempo: estudos sobre Cora Coralina* (2009); “Leodegária de Jesus” – texto publicado no livro *Escritoras brasileiras do século XIX* (2009).

REVELLI v.10 n.2. Junho/2018. p. 263 – 278. ISSN 1984 – 6576.

Dossiê Estudos de Linguagem e Interculturalidade.

limbo dos inéditos e inaugurou o veio lírico feminino em Goiás. Na verdade, preenchendo lacunas e compreendendo embargos, o trabalho de Darcy torna inteligível as linhas de força em que se erigiram a literatura de autoria feminina, rastreando marcas apagadas e viabilizando engenhos e riscos da invenção. Além de desencavar fontes, a exemplo de manuscritos, produção intelectual inédita e dispersa, iconografia, correspondências e documentos pessoais a partir da pesquisa em acervos públicos e particulares, o trabalho contou com informações de outras mulheres a exemplo da escritora Rosarita Fleury e de Doralice de Oliveira, filha de criação de Leodegária, que lhe confiou o acervo pessoal de sua mãe.

Não podemos negligenciar a importância da revisão instaurada por Darcy Denófrío ao erigir um monumento em homenagem àquela mulher que primeiro editou um livro de poesias em Goiás. A pesquisadora ao empreender essa genealogia/arqueologia contribuiu para a reconstituição da historiografia na qual se insere como escritora e como mulher. Também é oportuno destacar a sua relação umbilical com esse veio poético: Darcy nasceu em Jataí, sítio lírico onde Leodegária viveu parte da infância e que marcou profundamente sua visão de mundo como podemos verificar no poema “Jatahy”, de *Coroa de Lyrios* (1906). O conhecimento das biografias das duas poetisas revela outras afinidades eletivas: ambas se tornaram ativistas literárias e dedicaram suas vidas a serviço da educação. Certamente tais aproximações, somadas, é claro, à qualidade estética do trabalho de Leodegária de Jesus, contribuíram para que os esforços de Darcy extrapolassem as fronteiras do III Seminário de Literatura Goiana da Universidade Federal de Goiás. Prova disso é a publicação daquela conferência, atualizada com novos dados e informações biográficas sobre a autora, juntamente com um apanhado iconográfico e a reunião em fac-símile das duas obras de Leodegária em *Lavra dos Goiases III*, abrindo espaço para que tivéssemos acesso aos textos até então restritos a poucos privilegiados. Além disso, sua minuciosa pesquisailuminou aspectos significativos de uma obra de fundo romântico e de forma parnasiana, recuperou poemas inéditos e destacou uma faceta até então desconhecida de Leodegária: a de cronista.

O lançamento do livro ocorreu em 18 de maio de 2001 no Museu-Casa de Cora Coralina, em Goiás-GO. Além de homenagear os 95 anos de estreia literária da poetisa e celebrar a amizade entre Leodegária e Cora, o lançamento na antiga capital reatou as pontas soltas da trajetória da homenageada, saldando uma dívida para com sua memória na cidade onde escreveu seu primeiro livro. O garimpo poético empreendido em *Lavra dos Goiases III* também contribuiu para que naquele dia fosse afixada uma placa na casa em que Leodegária morou no início do século XX, na Rua das Violas, n.º 9. Reparação simbólica resultante da

generosidade de Darcy cujos frutos extrapolaram as fronteiras goianas a exemplo da publicação do resultado de suas pesquisas no livro *Escritoras brasileiras do século XIX* (MUZART, 2009), não apenas suscitando a divulgação nacional de Leodegária, mas ombreando-a com algumas das principais autoras brasileiras do século XIX.

Exercício crítico que também desaguou na lírica de Cora Coralina, legando-nos alguns dos estudos mais completos sobre a poetisa dos becos inaugurados na publicação *Cora Coralina: melhores poemas* (2004), quando Darcy foi responsável pela seleção, apresentação crítica e biografia. Seguindo um critério cronológico e temático, a pesquisadora acomodou os poemas de Cora em cinco blocos, desenvolvendo uma análise rigorosa da estética, da trajetória e da história editorial da poetisa: apontou para aspectos até então negligenciados pela crítica como as intercomunicações entre os gêneros, sua dificuldade de enquadramento geracional e a presença de Eros como uma força onipresente em seu lírico. Sustentando o trabalho, Darcy mais uma vez empreendeu um esforço arqueológico ao consultar acervos públicos e particulares, bibliotecas, além do arquivo pessoal da titular sob a guarda do Museu-Casa de Cora Coralina, na cidade de Goiás. O empenho e a perspicácia da crítica preencheram uma série de lacunas sobre a vida e obra de Cora, levantamento que resultou, dentre outras riquezas, na primeira organização da fortuna crítica coraliniana (contemplando dissertações e teses, artigos em revistas acadêmicas, prefácios, orelhas, entrevistas e matérias de jornal). Mais uma vez Darcy contribuiu não apenas para iluminar a obra de Cora Coralina, mas para “poupar o pesquisador de percorrer todo um caminho já trilhado por nós. (...) Além de facilitar o trabalho de futuros pesquisadores, essa fortuna poderá também demonstrar como se deu a penetração do nome de Cora Coralina no território nacional” (DENÓFRIO, 2006, p. 209).

A pesquisa de Darcy teve o mérito de levar ainda mais longe o nome daquela que aos 76 anos de idade estreou na literatura com *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais* (1965), tornando-se a quarta mulher a editar um livro de poemas em Goiás. O livro *Cora Coralina: melhores poemas* (2004) foram inseridos entre as obras literárias indicadas para o vestibular da Universidade Federal de Goiás (ingresso em 2007 e 2008) e ganhou edições especiais distribuídas gratuitamente pela Secretaria de Educação do Estado de São Paulo (destinada à alunos do Ensino Fundamental e Médio das escolas da Rede Pública Estadual –Projeto Apoio ao Saber) e pelo Ministério da Educação (às bibliotecas públicas de todo o país - Programa Nacional Biblioteca na Escola).

A obra também contribuiu para divulgar a poesia de Cora no exterior. Por intermédio dos *Melhores poemas* e da prestimosa colaboração de Darcy Denófrío as pesquisadoras Cristiane Pires e Jacqueline Penjon – do Departamento de Estudos Aprofundados em Literaturas Lusofônicas – conquistaram um espaço definitivo para Cora Coralina na Biblioteca da Universidade de Paris III Sorbonne-Nouvelle: “Hoje, lá se encontram, além de todos os livros da autora (...) tudo quanto pudemos conseguir e encaminhar, à época, especialmente em forma de ensaios, revistas acadêmicas e mesmo cópia de teses defendidas” (DENÓFRIO, 2006, p. 180). Outro fruto do esforço de Darcy consistiu na publicação de uma seleção de poemas de Cora, em três idiomas, na revista acadêmica *Sirena* (2009, v. 1 e 2010, v. 1) do Departamento de Espanhol e Português, do Dickinson College, e distribuída por The Johns Hopkins University Press.

No mesmo espírito arqueológico, Darcy organizou em parceria com Goiandira Ortiz de Camargo o primeiro livro todo dedicado à fortuna crítica de Cora Coralina, com nove textos críticos de pesquisadores do Brasil e do exterior, analisando diferentes nuances da obra coralina. Lançado em 7 de setembro de 2006, *Cora Coralina: celebração da volta* comemorou os 50 anos da volta de Cora a Goiás e os 40 anos de sua estreia literária e, no último artigo da coletânea, Darcy Denófrío oferece uma série de pistas que elucidam aspectos do universo cultural e poético de Coralina, iluminando questões sobre o poema “O cântico da volta”, sobre a desvinculação da poetisa com o movimento feminista, a idade em que publicou sua primeira obra e a apresentação de sua fortuna crítica quase completa.

Exemplos significativos da arqueologia lírica efetuada pela lavra de Darcy são a divulgação de uma preciosa matéria escrita por Jesus Boquady, em 6 de junho de 1956, em que o jornalista descreveu como a intelectualidade goiana recebeu Cora Coralina 45 anos depois de sua partida; a transcrição do poema então inédito “Poesia de brincadeira sobre Goiás para Cora Coralina” de autoria de José Godoy Garcia e declamado no referido evento; e a seleção de um cartão histórico, integrante do acervo de Miguel Jorge, convidando para o lançamento de *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais* em 23 de setembro de 1965 no Bazar Oió, em Goiânia, evento promovido pelo Grupo de Escritores Novos. Darcy ainda plantou outro sensível legado: graças ao seu intermédio a Agrícola da Ilha Ltda. de Joinville-SC doou mudas do *Hemerocallis Cora Coralina*, lírios coralinos de 9,5 cm de diâmetro que anualmente florescem no quintal do Museu-Casa de Cora Coralina, em Goiás. E ali, assim como na residência de Leodegária, de modo discreto e altamente poético, Darcy se faz presente.

Resta-nos seguir o exemplo de dedicação e generosidade cultivado por Darcy França Denófrío em décadas de trabalho arqueológico, objetivando, a cada novo (per)curso pela hidrografia lírica, reunir esforços para valorizar a herança dos Goiasés. Ela própria um rio caudaloso em suas prolíferas vertentes, nos oferecendo—conforme as imagens fossilizadas em “Permanência das águas”, de *Amaro mar* (1988) - água para a nossa sede.

REFERÊNCIAS

CHOAY, Françoise. *Alegoria do patrimônio*. São Paulo: UNESP, 2003.

DALACORTE, Maria Cristina Faria; TURCHI, Maria Zaíra (Orgs.). *Catálogo de dissertações 1973-2003 do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Faculdade de Letras da UFG*. Goiânia: Câne Editorial, 2005.

DALCASTAGNÈ, Regina. Representações restritas: a mulher no romance brasileiro contemporâneo. In: DALCASTAGNÈ, Regina; LEAL, Virgínia Maria Vasconcelos (Orgs.). *Deslocamentos de gênero na narrativa brasileira contemporânea*. São Paulo: Editora Horizonte, 2010.

DENÓFRIO, Darcy França. Leodegária de Jesus. In: MUZART, Zahidé Lupinacci (Org.). *Escritoras brasileiras do século XIX*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2009.

DENÓFRIO, Darcy França. *Poemas de dor & ternura*. Goiânia: Câne Editorial, 2008.

DENÓFRIO, Darcy França. Retirando o véu de Ísis: contribuição às pesquisas sobre Cora Coralina. In: DENÓFRIO, Darcy França; CAMARGO, Goiandira Ortiz de (Orgs.). *Cora Coralina: celebração da volta*. Goiânia: Câne Editorial, 2006.

DENÓFRIO, Darcy França. *O redemoinho do lírico: estudos sobre a poesia de Gilberto Mendonça Teles*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

DENÓFRIO, Darcy França (Org.). *Cora Coralina: melhores poemas*. São Paulo: Global, 2004.

DENÓFRIO, Darcy França (Org.). *Lavra dos Goiasés III: Leodegária de Jesus*. Goiânia: Câne Editorial, 2001.

DENÓFRIO, Darcy França. *Ínvio lado*. Goiânia: Editora da UFG, 2000.

DENÓFRIO, Darcy França. *Hidrografia lírica de Goiás I*. Goiânia: Editora da UFG, 1996.

DENÓFRIO, Darcy França. *Amaro mar*. Belo Horizonte: Itatiaia; Brasília: INL, 1988.

DERRIDA, Jacques. *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence. (Orgs.). *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

MICELI, Sérgio. Relegação social e chance literária. *In: ELEOTÉRIO, Maria de Lourdes. Vidas de romance: as mulheres e o exercício de ler e escrever no entre séculos – 1890-1930*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2005.

MUZART, Zahidé Lupinacci. Resgates e ressonâncias: uma Beauvoir tupiniquim. *In: MUZART, Zahidé; BRANDÃO, Izabel (Orgs.). Refazendo nós: ensaios sobre mulher e literatura*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2003.

QUEIROZ, Vera. Crítica brasileira contemporânea de autoria feminina. *In: MONTEIRO, Maria Conceição; LIMA, Tereza Marques de Oliveira (Orgs.). Entre o estético e o político: a mulher nas literaturas clássicas e vernáculas*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2006.

SILVA, Vera Maria Tietzmann. Viajando entre luz e sombras. *In: DENÓFRIO, Darcy França. Da aurora de vidro ao sol noturno: estudo sobre a poesia de Fernando Py*. Goiânia: Câneone Editorial, 2005.